

ECONOMIA - BRASIL

ECONOMIA

POLÍTICA ECONÔMICA

Estrategista do banco norte-americano JP Morgan, que avalia taxas de risco das nações emergentes, afirma que somente um sério problema internacional tem poder para piorar a atual situação do país

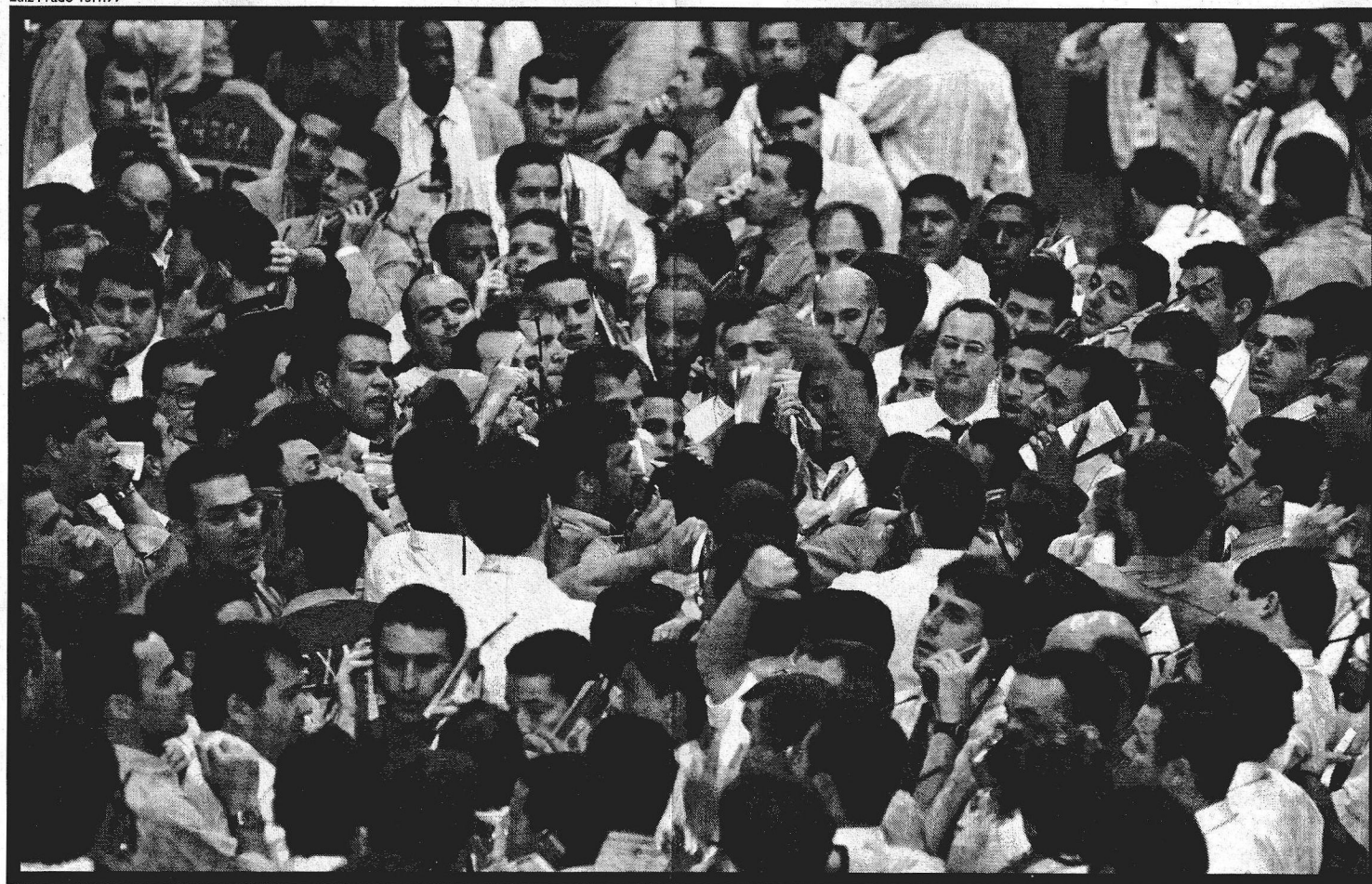
Choque é o risco para Brasil

Luiz Prado 13.1.99

O Brasil, assim como todos os mercados emergentes, é refém dos desdobramentos da estabilização da economia global após o aumento dos juros nos Estados Unidos. A avaliação é do estrategista-chefe de Private Banking do JP Morgan para a América Latina, Richard Madigan, ao comentar suas perspectivas para o país. O JP Morgan é conhecido internacionalmente por avaliações sobre a taxa de risco dos países emergentes. Mais otimista do que os analistas do mercado interno, Madigan acredita que as oscilações do mercado externo são os verdadeiros riscos que se colocam para o Brasil. No plano doméstico, ele não vê nada que se possa ser comparável.

Ele elogiou a atuação da equipe econômica brasileira, que conseguiu reduzir a vulnerabilidade externa do país (ele citou especificamente a fatia da dívida interna atrelada ao câmbio), além de elevar o saldo em conta corrente. O estrategista do JP Morgan também elogiou a mudança na política externa brasileira, a partir do governo Lula. Segundo ele, ao adotar posições mais agressivas e firmes nas negociações de comércio externo, o Brasil se coloca como um *player* internacional de fato.

"Meus amigos brasileiros tendem a ser mais emocionais", disse, em resposta se não seria mais otimista do que os econo-



BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO: BOATO SOBRE ELEVAÇÃO DA CONFIANÇA INTERNACIONAL NA ECONOMIA BRASILEIRA PROVOCOU ALTA DE 0,67%

mistas brasileiros. De acordo com ele, o analista local tende a ter uma dose maior de frustração e ansiedade ao lidar com o dia-a-dia do país. Neste sentido, Madigan também se mostrou satisfeito com o ritmo de aprovação das reformas. Se-

gundo ele, as pessoas precisam compreender que uma reforma não pode ser feita num estalar de dedos, mas com o cuidado de quem pensa nas próximas gerações.

Madigan citou ainda as eleições municipais deste ano como

um obstáculo para o avanço das reformas em 2004, mas compreende isso como parte do ciclo político. "Onde o Brasil estava há uma década? E onde estará na próxima?", indagou, demonstrando preocupação de longo prazo - e não imediata.

Bolsa

Boatos de que a Standard & Poor's estaria prestes a elevar o *rating* do Brasil ajudaram a Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo) a registrar, ontem, a segunda alta consecutiva. A história foi desmentida pela agência de classificação

de risco, mas a perspectiva de uma melhor avaliação atraiu investidores para o mercado de ações. O Ibovespa fechou em alta de 0,67%, aos 21.676 pontos, com volume negociado de R\$ 1,072 bilhão. Em apenas dois dias, o índice acumula alta de 3,7%.

A Bovespa chegou a disparar 3,09% ontem com o avanço dos papéis de telecomunicações. No mês, a Bolsa registra alta de 2,4%. Segundo a diretora de Corporate da Standard & Poor's, Milena Zaniboni, o boato que circulou no mercado não tem fundamento. "Não há nenhum fato novo que permita a elevação do *rating* do Brasil", diz.

A proximidade do vencimento de uma dívida cambial de US\$ 989 milhões acirrou a briga das tesourarias dos bancos para elevar as cotações do dólar. A moeda americana encerrou os negócios cotada a R\$ 3,04, com alta de 0,16%. Desde a abertura, as tesourarias dos bancos assumiram posição compradora a fim de elevar a cotação. A Ptax (média oficial do dólar) de amanhã será utilizada na remuneração dos credores da dívida que vence na quinta-feira.

Na semana passada, o Banco Central anunciou que fará o resgate integral dos títulos. "Tradicionalmente, o mercado aumenta a posição compradora às vésperas de vencimentos de dívidas", afirma o vice-presidente executivo de tesouraria do banco alemão WestLB, Flávio Farah.